

O SAPO

Boletim litterario e humoristico

REDACTORES: DIVERSOS

ANNO I

Redacção
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51

Curityba, 11 de Dezembro de 1898

Assignaturas
MENSAL 1\$000
Pagamento adiantado

Nr. 40

BOHEMIA

(NOTAS FALSAS)

Ha poucos dias um moço, figura sympathica e saliente do meio litterario curitybano, pediu-me explicações sobre as palavras—Bohemia, Bohemio—e eu prometti-lhe dal-as tão completas quanto me fosse possível. Venho hoje desobrigar-me desse compromisso, passando para aqui algumas notas ligeiras, apanhadas em uma brochura estrangeira que se occupa desse assumpto.

Na litteratura franceza contemporanea falla-se muito em bohemio, e por tal forma que a palavra acabou por tornar-se a representante de uma classe de pessoas no seio da sociedade parisiense. Os litteratos d'aquelle paiz tomaram grande trabalho em discutir tal classe, que era uma modernice; dedicaram-lhe romances, comedias, versos, artigos de jornaes, com o fim unico de provar que a definição secca e vaga da Academia: — Ter a vida de bohemio—Viver na vagabundagem; sem eira nem beira—era falsa, porque, nesse caso, o bohemio devia achar-se constantemente sob as vistas incessantes e cautelosas da Policia.

Não foi difficil reduzir a inandade aquella definição impertinente.

A Bohemia tem uma linguagem especial, exclusivamente sua, tomada das palestras dos ateliors, do calão dos bastidores, das discussões dos gabinetes de redacção.

Figuram nesse idioma inaudito todos os eclectismos de estylo; idioma onde o genero apocalypticico acotovela o discurso sem fim nem ligação; onde a rusticidade da gíria

popular allia-se a periodos extravagantes, sabidos da mesma forma d'onde Cyrano tirava os seus rasgos cheios de hespanholadas; onde o paradoxo—filho querido da moderna litteratura—trata a logica e a razão como Cassandra é tratada nas pantomimas; onde a ironia tem a violencia dos mais energicos acidos, e a mestresa desses caçadores que matam um insecto pousado no alvo; algaravia intelligente, embora intelligivel para os que não tem a chave della, e cuja audacia excede a das mais livres linguas.

Esse vocabulario é o inferno da rhetorica e o paraíso do neologismo. Ouçamos agora o que se diz e o que se disse da bohemia e dos bohemios.

Diz Balzac:

«A Bohemia, que se deve chamar «a Doutrina do Boulevard des Italiens» compõe-se de moços de vinte a trinta annos (não mais) todos homens de genio—cada um em seu genero—ainda não conhecidos, mas que se farão conhecer em pouco tempo, e então serão distinctissimos.

«Na Bohemia ha diplomatas capazes de transformar os projectos da Russia, desde que sejam auxiliados pelo poder da França.

«Todos os generos de capacidade e de espirito ali estão representados.

«Ella possui escriptores, administradores, militares, jornalistas...

«A palavra Bohemia diz tudo.

«Si ella nada tem, vive do que tem.

«A esperanza é a sua religião; a fé em si mesmo o seu código; a caridade, o seu «budget.»

Murger diz:

«Para o leitor inquieto, para o burguez timorato repetimos em forma de axioma:—A Bohemia é o estagio da vida artistica, a porta aberta da Academia, do Hospital ou do Necrotério—Accrescentamos que ella só existe e só pode existir em Paris.»

Diz X. Aubryet:

«Como?! Porque ha uma meia duzia de papalvos ou de pretenciosos, que julgam fazer bonita figura blasonando-se do pomposo nome de—bohemios—e cortam os sapatos de proposito para que se os tomem como o prolongamento dos heroes de Murger, tornaes a litteratura inteira responsavel por essa garotice?!...

«Não feixeis os olhos tão complacentemente: eu não chamo bohemio—ao estudantinho que deve cem francos ao seu alfaiate; chamo—bohemio—a esse esplendido e magestatico «vivedor» que não é litterato, e que sabe despende com mil francos por anno sem ter um «sou» de seu; chamo—bohemios—aos principes das finanças que se gabam, com jactancia, de redusirem os seus clientes á miseria extrema...

A. Louchet exclama:

«...Chamam a isso ter vida de bohemio! Murger, que dizeis a este respeito?

«A vida de bohemio, que elles não conhecem, é a vida de afeição e de communismo, nunca a vida de cynismo e de desespero.»

P. Larousse diz em duas linhas no seu Dictionnaire Complet Illustré: «Bohemio—sujeito que gosa o presente, sem importar-se com o futuro.»

HYALINO.

(Continua)

N'um album

Teo labio roseo, divino.
Tem o perfume das flores!
E' tão puro e coralino,
Teo labio, roseo, divino.
Tem a doçura d'um hymno,
Faz cessar todas as dores,
Teo labio, roseo, divino,
Tem o perfume das flores!

THIAGO PINOTO

PEROLAS (11)

Em caminho

Do cariz do horizonte, a curvatura
Donde, auri-rubro, o sol nos manda o dia,
A luz da doce aurora se estendia
Purpureando as nuvens pela altura.

E os sonhos meos abrindo a envergadura
Das azas brancas cheio de alegria,
Viam o céu inflado de ventura
Quando o teu vulto junto ao meo sentia.

Agora, amada descuidosa e casta,
Febri minh'alma tímida se arrasta
Chorando presa ás brumas do caminho...

E vai por este espaço lenta e lenta
Procurando sinistra e macilenta
Esse teu seio alvo como o arminho...

ESTACIO CORREIA



Na Gloria

Imponentes, imponentissimos estiveram os festejos realizados no dia 4 do corrente na galante capellinha, situada no aristocratico bairro do Alto da Gloria, onde se venera com todo o respeito religioso N. S. da Gloria.

Ha muito que não assistiamos uma festa de igreja com tanta pompa, com tanto brilhantismo, como esta de que agora nos vamos occupar.

Domingo de festa, domingo de N. S. da Gloria!

Muito cedo e ja ouvia se o *frufu* das saias engommadas, em direcção ao aprasivel bairro onde está collocada a capella, construida ás expensas do venerando paranaense desembargador Agostinho Ermelino de Leão.

Lá, galhardetes n'uma confusão bizarra de cores, arcadas de bambús, flores esparsas impregnando o ambiente do dia cantante de um perfume delicioso, fazendo bem para a respiração d'aquelles que allí tiveram a felicidade de estar. Notas harmoniosissimas de musica enchiam o ar limpido do dia, fazendo côro com a alegria que predominava em baixo na physionomia dosromeiros.

Todos os labios em um só sorriso!

A's 14 horas foi celebrada a missa solemne pelo padre Tedeski, assistindo o exmo. revmo. sr. Bispo dio-

cesano e pregando o festejado orador sagrado monsenhor Alberto José Gonsalves

Terminada que foi, houve larga distribuição de registros, soberbo trabalho das officinas da Impressora Paranaense, veronicas, e entre os parentes do desembargador Leão, a arvore da familia do mesmo, trabalho tambem da Impressora.

Conjunto de flôres, musicas e moças... era impossivel ficar de parte o arrasta pé... foi *invadida* a residencia do fidalgo cavalheiro dr. Veiga... e tiveram começo as danças.

Depois, a grande massa de convidados e... incorporadores... dirigiram-se á residencia do não menos fidalgo cavalheiro capitão Leão Junior, onde os esperava lauta mesa em forma de U (da Gazeta) para 199 talheres sem tirar nem pôr!...

Empadas, mayonaises, rabioles, perús, presuntos, vinhos finissimos, *uma mistura que não sei o nome champagne frappé, etc., etc.*... em menos, em muito menos tempo que levamos em abrir e fechar os olhos... jaziam vencidos, n'um estado lastimoso, pelos queixos dos que tiveram a suprema felicidade de... combater!...

Au *dessert*, ouviu-se um hip! hip!! hip!!! hurrah!!! levantado por um Sapo (quero dizer: um dos nossos...) em honra a exma. sra. d. Maria Barbara Correia de Leão, que... n'esse mesmo dia colhia mais uma rosa no jardim de sua preciosa existencia.

Ao som do hymno nacional terminou o bombardeio!...

A's 3 horas, concorridissima procição, vindo a valorosa santa carregada por gentis senhoritas, percorreo algumas ruas da cidade. De volta á capella, teve lugar o *Te-Deum* do estylo.

Delicados cartuchos de doce foram distribuidos pelas virgens e anjinhos, que muito contribuíram para o brilhantismo da procição.

A' noite subiram... subiram... balões colossaes, enviados, talvez, para contar a Lua e as Estrellas, o triumpho alcançado pelas exmas. festeiras dd. Lavinia Miró e Maria Clara de Abreu Leão, no dia desapparecido!

Fogos artificiaes, holophotes assediados...

Quando todos preparavam-se para mais ainda maltrarem as pernas... surge a POLICIA, a mantenedora da ordem e... perturbou a ordem, transformou as physionomias cantantes em physionomias tristes, manchando com sangue o dia esplendido, que

promettia fechar, como se costuma dizer: com chave de ouro!

E... não tem mais! tudo acabou-sé!

Chora o Nina, chora o Peixoto,
O Leopoldino e Gaspar!
— Não ha remedio, não ha remedio
Senão esperar!... —

— Só para o anno, só para o anno
Como está longe,
Que triste vida, que triste vida
Esta de monge... —

PHANASYMPO.

Photo-Jumelle

Aspirante a padre benedictino.

Profissão — Ama seccn.

Divisa — Tudo pelos Nênes.

G. MORAES



Tiro ao alvo...

Hoje começo esta secção no «Sapo» e julgo meo dever saudar, mas com prazer, os amaveis leitores deste jornal tão guapo e derramar um turbilhão de flores nas cabeças dos jovens redactores.

Acetiae pois, leitores dedicados as minhas ovações, e vós ó redactores illustrados honrados campeões que luctaes em prol da mocidade acetiae de um modesto conterraneo um abraço espontaneo, um abraço de amizade.

PLUTÃO



Domingo passado

Ah! Que saudades! Quando me será dado assistir outra festa como a da Gloria?! Quando, dr. Ermelino?!...

Que excellentes novenas! Que amavel tratamento!! Que soirées!!! que paciencia a da exma. d. Chiquinha!

E si não fora o desastroso acontecimento da punhalada vibrada por braço miseravel no pobre cocheiro do Maneco Miró, não sei até onde chegaria o entusiasmo da rapaziada!

Ao anoitecer já fallavam com instancia que Nho Duca faria a asção em um balão de papel por ele feito, com as dimensões de cem palmos por quarenta, levando á seo bordo o violão veio, o cavaquinho e o major Percy !!

Mas oh! maldicto sargento! Para que vieste interromper a festa que corria tão calmamente?

Ainda me lembro que o Peixotinho, depois de verificar o lugar do ferimento, voltou desoladissimo, e abanando tristemente a cabeça, disse-me com...

Pobre cocheiro! Infeliz pae de familia! Esta liquidado! Desta não escapa!

—Porque, perguntou-me, já comovido. E' mortal o ferimento?

—Não é por isso. Ouve dizer que o Anjo da meia noite estendeu suas azas sobre o pobre coitado!

Si não morrer p'ra o anno e si N. S. da Gloria quiser, não hei de ser roubado como fui, juro, pois irei frequentes vezes filar o chá de d. Chiquinha e os excellentes chops do Pópó.

A' noite fui ao Borsenhalle onde, assim contava um jornal em allemão edição da casa, teria lugar um concerto á grande orchestre...

Lembrei-me do Rio de Janeiro! Podéra!

As vinte e tantas mesas que lá tem para os freguezes, estavam repletissimas, offerecendo um aspecto bellissimo. O velho chop gelado era engulido nem era bebido. Por muito favor e muita sorte vagou uma mesinha, onde sentei-me.

Sobre ella estava um numero (numero um) do periódico Borsenhalle, edição do Restaurante de mesmo nome e publicado em allemão. Logo na primeira pagina vinha estampado o Programm von Grosses Vocal-und Instrumental-Conzert, fon regencias fons Carl. Frank.

Mais abaixo, ainda em allemão seguiam-se os nomes das peças concertantes...

No alto, em caracteres a lapis, n'uma *folhinha da margem* uma nota feita naturalmente por algum brazileira *agora e feia*:

«Por delicadesa, sr. allemão, deve escrever ao menos o programma tambem na lingua portugueza. Neste momento estão no salão 20 brasileiros, que gastam, contra 17 allemães que por muito favor bebem chops!...

Mais abaixo:
—Estamos no Brasil, ouvio? Seja

delicado, distribuindo ao menos o programma em nossa lingua.»

Eu que sou inimigo de manifestações de desgostos e para evitar publicidade, guardei cuidadosamente o numero do Borsenhalle no bolso das calças...

A orchestra quasi executou o programma anunciado; e eternamente ficaria esperando a parte vocal si não fosse surpreendido com a chegada do Lucidinho que entrou cantando:

Balas de abacaxi, ora bolas!
De hortelã pimenta, seo Remmers,
Isto aqui não é livella, ora bolas!
E' preciso respeitar seo tratante!...

Até outra.
Guth Nacht!

S. FARIA.

Matinal

A Ignacio Bastos

A aurora surge...Da meiga passarada
Ouve-se o canto calmo e dulçuroso.
Canto que conduz a alma lacerada.
E o coração doente é desditoso.

A um mundo de prazer...Pela explanada
Um pegureiro passa jubiloso
Cantando uma quadrinha apaixonada,
Uma quadra de amor, prazer e goso.

E' uma formosa scena doslumbante
Que a minha penna debil, vacillante,
Não pode descrever inteiramente...

Mas para completar tão linda scena
Faltam teus olhos bellos ó morena,
E a tua doce voz surpreendente.

ADOLPHO WERNICK.

Ronda

Bella, esplendidamente bella, a Lóló tem consciencia da força que possui sobre esses ventoinhas de salão que por ahí vagam pelas esquinas, alisando as aspas do bigode preto e lustroso.

E' ignorante e parva na generalidade. Como todas as mulheres bonitas, domina-a um só desejo,—o de se ver cercada d'uma legião de choramingas que a cortegem, mendigos d'um sorriso benevolo, d'um olhar de protecção.

Conheço-a de longa data, desde a vizinha cidade da marinha quando, menina, vivia trepada pelas goibeiras n'um derriço louco comigo

que n'esse tempo implicava solememente com umas suas calças rendadas de largura extraordinaria, ultrapassando os tornozellos.

A distancia dos annos que a não vejo, fez-me com que ficasse de veras surpreendido quando na esquina do Bube informaram-me dessa encantadora divindade.

E realmente soberba carnação luxuosa ostenta-se nos moldes do corpete, demonstrando um conjunto de formas perfectas, modeladas; do alto da cabeça verdadeiramente aristocratica despeja-se uma cabelleira aluarada até a curva dos quadris simetricamente alinhados; porte elegante e talhe de obra finissima de arte.

Eis como encontro hoje a temível quebra-louças que ha poucos annos atraz, era o pavor da vizinhança, o horror das goibeiras e a minha eterna aza negra.

Sempre quando a encontro soberba e triumphante no seo orgulho de princeza tenho vontade de alistar-me tambem, nas fileiras dos seus conquistadores, mas...

Usará ella ainda calças rendadas?

JACH.

Farpas

Fazendo ha dias, pelas columnas d'este semanario, allusão ao nome de um sujeito, tive de ver-me hontem mettido em calças pardas.

Aconteceu-me o que se deu com o Z. Ferino, da «Gazeta». E foi muito bem feito; pois quem sabe que não pôde tomar a responsabilidade de suas palavras, não deve andar a dizer asneiras irreflectidamente, aventurando-se a sabir, quando acaba, com o pello escovado.

A ver se me corrijo e emendo, hei de conservar para o sempre na cachimonia osse facto, que espero não terá reproducção.

Mas a cousa passou-se d'este modo: Lendo as referencias que eu lhe fizera, o rapaz andava furo por encontrar-me, afim de me tomar uma satisfação. D'este mal, porem, — quero dizer, de encontrar-me, — não havia de morrer elle; quando eu sahia á rua punha acordados e vigilantes todos os cinco sentidos, e ao vel-o que, de subito, lá ao longe emergia, eu quebrava á esquerda ou á direita e... qual encontrar-me nada!

Assim, n'essa sonda inutil e sempre mallograda, passou o meu pro-

curador muitos dias. Vendo, finalmente, que não havia meio de achar-me, dirigio-se à minha casa, hontem.

Imaginem os senhores qual não foi o meu espanto ao dar de rosto com elle, à porta de casa... Dez mutações de côr teve, seguramente, a minha cara: fiquei branco, amarello, livido, rôxo, vermelho — e vermelho, rôxo, livido, amarello, branco... dez côres!

Elle não me veio com preambulos: abordou logo a questão. Eu comecei por negar que as referencias tivessom sido feitas á sua pessoa; mas, por uma serie infeliz de contradicções, cheguei a dizer, com uma humildade que toca á abjeção, que de facto alludira a elle; que me desculpasso, pois não havia de cabir em outra; e que, se elle me fizesse o que lhe rogava, eu seria, d'ahi em diante, o seu maior amigo.

Afinal, compadecendo-se de mim, o diabo do rapaz deixou-me e foi-se embora, e eu fiquei amaldiçoando-o e injuriando-o... pelas costas...

Ora eu!... Ora o Z. Ferino!...

EPAMINONDAS

Errata

Em o nosso numero passado (talvez por causa da festa da Gloria) os compositores andaram as tontas lá pela casa antiga...

Assim é que no conto «Memorias de D. Ramon» do nosso amigo Thiago Peixoto, logo no primeiro periodo, onde se lê:

—...disse-lhe eu, beijando etc, deve ler-se: disse eu, beijando-lhe etc.

Mais adiante, onde se lê: balada, leia-se balada.

Mais outra:

No trabalho de Sylvio Paraná, «O Professor» sahio um *isio* por um — si.

A que lingua pertence esta palavra é que não sabemos.

Ah! estes Srs. compositores!

Pudesse uma só não contel-os e...



FOLHINHAS



Rimas a malho

Nephelebatã—; com licença dos Mestres.

A *Saparia* esteve em festa
Quanta alegria, quanta risada...
Brincam os *sylphos* pela floresta,
Oh riso eterno! oh madrugada!

Em romaria a *Saparia*
Cupan! Cupan!
Marcham contentes, sorridentes
Cupan! Cupan!
A passo *terno*, sempiterno
Cupan! Cupan!
Para o palacio da Alegria
Cupan! Cupan!
Do Ilustre Rei da *Saparia*
Cupan!.. Cupan!.. Cupan!..

II

Trepa um *sapinho* n'uma cadeira,
Fundo silencio! quanta *attenção*!
Falla o *sapinho* com voz magoada
Escutem todos o *diapasão*!

«Leocadinho gentil, ãôr mimosa!
Que vieste de um outro jardim,
Tens no labio a *frescura* da rosa,
E' teu rosto *silente* jasmim.

Os teos annos que corram mui ledos,
São os votos que faço á cantar,
Entre risos e doces folgoedos,
N'uma louca alegria sem par.

Si eu tivesse uma lyra *possante*,
Como o *tronco* d'uma *larangeira*,
Eu cantava—mas n'isto *perréque*
O *sapinho* cahio da cadeira!

O *susto* foi tão grande
Porem o *sapinho*
Sahio *cottadinho*
A cantar...A cantar...
Qual em bigorna
Machos batendo
Cupan!...Cupan!...

E grita o Rei:
—Agora amanhã
No alto da Gloria
Temos que eu sei,
Um *ferrobótó*
Em casa do *Papo*.

III

E algum tempo depois todos na rua,
Labios em flor e risos espoucando!
Contemplavam a lua, a triste lua,
Que vagava no céu, também cantando.

GASPARONE.

MOTTE

Yayá o teu periquito
Não é p'riquito á pava

E' catita é bonito,
Tem plumagem de velludo,
Sendo quasi cabeludo,
Yayá, o teu periquito,
Peior que o currupião
Quasi sempre o maganão
Penic'a quem quer pegal-o,
Tem crista quasi de gallo,
Não é p'riquito é pavão!

(Extr.)

Entre n'um «Parque» de rozal florido,
Cheio de encanto e ethereal fulgor;
Pasma, sorpreso, um rosto colorido
D'entre o rozal appareceu; que odor!

Puro, subtil e raro, delicioso,
Pelo «Parque» saíste, extalico fiquei
Ao ver aquelle rosto tão formoso
Que muito adoro, e quanta vez beije.

Dentes de menino louco, alucinado,
Apaixonadamente aquelle rosto
Feito dos raios d'um luar calado
D'um calado luar do mez de Agosto.

98.

RAMIREL C.

E' do «Rio Negrense» de 4 do corrente, o seguinte:

Da «Gazeta do Povo»

RIONEGRENSE

E' o titulo de um novo jornal que começou a publicar-se na futura cidade do Rio Negro. O seu primeiro numero sahio a 20 do corrente.

Ao esperançoso collega desejamos vida longa e fecunda de serviços á pittoresca terra rionegrense. E' a segunda vez que chamamos a attenção do sr. Fiscal, para a exterminação dessa matilha de cães bravos, que não trazendo as colleiras com o competente numero indicado pela Camara, vagueiam noturnamente pelas ruas da cidade, infundindo terror aos transeuntes, etc., etc.
Entenda-se!!!!...

ANNUNCIO

Já appareceu
ALMANACH PARANAENSE

Para 1899

4.º ANNO

com os retratos e biographias dos prenteados paranaenses: PADRE J. RIBIRO DE CAMPOS e AUGUSTO ALVES GUIMARÃES.

ATTRAHENTE PARTE LITTERARIA

A VENDA NA LIVRARIA DA

Impressora Paranaense

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 51

e em todas as localidades do Estado

Editores proprietarios: — CORREIA & C.ª

CURITYBA

Typ. Impressora Paranaense.